

PERCEPÇÕES DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO E INTOLERÂNCIA DENTRO DO CAMPUS

PERCEPTIONS OF UNIVERSITY STUDENTS ON GENDER DIVERSITY AND INTOLERANCE INSIDE THE CAMPUS

Luci Mendes de Melo BONINI¹

Renan Antônio da SILVA²

Marilene Ferreira de Lima OLIVEIRA³

RESUMO: Estudam-se as percepções de estudantes universitários a respeito da diversidade de gênero e as diferentes reações dos colegas mediante situações de preconceito. Este trabalho tem como objetivos descrever como os estudantes universitários percebem a diversidade de gênero no campus e o tratamento dispensado pelos colegas a essas pessoas. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, de corte transversal. O material utilizado foi um questionário baseado em Madureira (2007) e foi disponibilizado no Google forms para estudantes entre 18 e 40 anos. Foram participantes 61 estudantes universitários, sendo que 35 deles identificaram-se como sendo do gênero *feminino*, 25 do *masculino* e um como *outro*. A média de idade foi de 22,28 ±6,03 anos e 73,9% residem no Alto Tietê; 18% na cidade de São Paulo; 3,3% no Vale do Paraíba e Interior de São Paulo, Litoral Sul e ABC com 1,6%. A maioria dos participantes demonstraram respeitar seus colegas de classe e de curso, alguns apontam a existência de comentários e julgamentos que podem conduzir à violência verbal e à humilhação. Entende-se que o problema da homofobia no campus é ainda pequeno, mas algumas precauções podem ser tomadas, como a sensibilização em salas de aula, nos currículos ou mesmo em programas mais abrangentes.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade de Gênero. Estudantes Universitários. LGBTQTT.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que no cenário contemporâneo é um desafio discutir um tema tão complexo como a diversidade de gênero. A implicação de se reconhecer que gênero é uma norma requer muitas elaborações, pois uma norma não é o mesmo que uma regra ou lei. Uma norma atua no campo de práticas sociais sob o padrão trivial implí-

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Docente no Programa de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes e líder do GRUPPU, CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1281239421952609>. E-mail: luci.bonini@gmail.com

² Pós-doutor em Ciências Sociais–UNESP/Marília. Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista–UNESP. Bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado da CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPG/PP) da Universidade de Mogi das Cruzes–UMC. Professor Permanente do PPG/PP da UMC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5491042310888384>. E-mail: r.silva@unesp.br

³ Doutoranda em Engenharia Biomédica pela Universidade de Mogi das Cruzes, (UMC) Mestre em Educação, Psicologia da Educação PUC-SP, docente no curso de Educação Física da Universidade de Mogi das Cruzes, UMC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6494519740745517>. E-mail: marilene.ed.fis@gmail.com

cito da normalização. (BUTLER, 2014). Silva (2018) afirma que no contexto atual não cabe mais o binarismo de gênero, superado por uma variedade de signos culturais que esborçam o “maniqueísmo de gênero” (p. 153); a universidade é o lugar do conhecimento e por isso, na maioria das vezes é lá que os grandes debates acontecem, no caso deste estudo acredita-se ainda que a convivência mais próxima da diversidade de gênero que se avizinha nas vidas de estudantes jovens pode trazer uma abertura ao diálogo e uma maior compreensão na eliminação dessa dualidade homem-mulher. O campus universitário deve ser um espaço inclusivo e seguro em todas as nuances da inclusão, pois em seu interior as identidades afloram, seja no processo de maturidade, seja no processo de formação da identidade de sua formação profissional.

Pouco se sabe sobre a percepção de estudantes heterossexuais sobre a população LGBTT, sobre como isso influencia o clima do campus e das salas de aula (WOODFORD et al, 2012; KANE, 2013). Ao conhecer o que os estudantes pensam e veem no campus, pode-se ter uma ideia de como proceder para se conseguir maior acolhimento dessa população, eliminação de preconceito e de qualquer tipo de violência contra esses cidadãos. São objetivos deste estudo descrever como os estudantes universitários percebem a diversidade de gênero no campus e o tratamento dispensado pelos colegas a essas pessoas. Parte-se da hipótese de que, no ambiente universitário, existe um maior acolhimento da população LGBTT, uma vez que vários cursos discutem abertamente a inserção social dessa população e há diálogo nas universidades - o que é fundamental para uma política de maior acolhimento para essa população. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2018):

“gênero refere-se aos conceitos sociais das funções, comportamentos, atividades e atributos que cada sociedade considera apropriados para homens e mulheres, inclusive podem gerar desigualdades ou seja, diferenças entre homens e mulheres que favorecem sistematicamente a um dos grupos. Por sua vez, essas desigualdades podem criar iniquidades entre homens e mulheres tanto com respeito a seu estado de saúde quanto a seu acesso aos cuidados de saúde”.

O gênero incorporado num ator social específico passa a ser uma norma (BUTLER, 2014) e essa norma não é estática, ela é historicamente determinada; nesse caso, como não há um consenso em torno desse papel social a ser desempenhado, emerge a estigmatização, a exclusão social e a discriminação (OMS, 2018). Gênero não é precisamente o que a pessoa é ou tem, é aquilo que a produção e a normalização do masculino e do feminino revelam-se junto às nuances físicas (hormonais, cromossômicas) e comportamentais (performáticas) que cada gênero assume (BUTLER, 2014). Há poucas iniciativas e práticas dos estudantes universitários para abordar a diversidade de gêneros e pouco comprometimento dos recursos humanos do campus em criar uma cultura para a diversidade, aberta a discussões em salas de aula, comunidades que abordem as minorias e programas que efetivamente engajados na inclusão. (POYNTER e WASHINGTON, 2005). Muitas pesquisas acerca do comportamento (in) tolerante com a população LGBTT trazem variáveis como: tolerância/julgamentos negativos,

moralidade, estereótipos que indicam nuances de homofobia, outras variáveis também vêm sendo incluídas, assim como religião, afiliação política, nível de formação acadêmica, orientação sexual entre outros pois podem balizar esforços para a criação de programas de acolhimento das diversidades (HOLLAND et al, 2013).

De acordo com Camargo e Sampaio Neto (2017), a identidade deve ser construída pelo ser humano embora haja influências que se entranham, cada uma delas disputa com o sujeito, seu modo de ser e de agir, seus desejos e suas práticas sexuais, percebendo que eles podem ser modificados. As construções sobre as noções de macho e fêmea são científicas e conduzem à manutenção da espécie dos seres vivos; já a noção de masculino e feminino é construída de acordo com uma dada cultura e transcende a relação binária macho-fêmea. (BUTLER, 2014).

MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, de corte transversal. Os dados foram coletados de fevereiro a março de 2019 entre universitários de diferentes cidades do estado de São Paulo. Os materiais utilizados foram um questionário baseado em Madureira (2007) que foi disponibilizado no Google Forms® e enviado para estudantes que fazem parte da rede das pesquisadoras. Cada participante convidava mais um colega de sua universidade ou de outra localidade, desde que fosse maior de idade e cursasse ensino superior. Trata-se de uma pesquisa de opinião cujo convite, feito pela rede social WhatsApp®, oferece um link para a coleta de dados e o participante pode responder pelo aparelho celular. Ao abrir o link, o estudante deparava-se com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); aceitando participar, abria o questionário e era livre para ir até o final ou interromper se assim o desejasse. Porém todos os 61 estudantes que aceitaram participar responderam todo o questionário. Os dados coletados foram tabulados em planilha Excel e analisados quantitativamente quando assim fosse necessário; assim, realizou-se uma Análise de Conteúdo com os dados qualitativos (MURAGURI, 2016). O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade de Mogi das Cruzes, sob número: 3.222.984

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram participantes 61 estudantes universitários, sendo que 35 identificaram-se com o gênero *feminino*, 25 com o *masculino* e 1 como *outro*. A média de idade foi de 22,28 ±6,03 anos e 73,9% residem no Alto Tietê; 18% na cidade de São Paulo; 3,3% no Vale do Paraíba e Interior de São Paulo, Litoral Sul e ABC com 1,6%.

Quanto à religião obteve-se o seguinte resultado: Católica – 27,9%; Agnóstico – 3,3%; Espiritismo – 8,2%; Evangélica – 9,8%; Cristã – 8,2%; Nenhuma – 13,1%; em branco – 24,6%; Erros de preenchimento – 4,9%. A religião fez parte do ques-

tionário e era uma questão facultativa pois entendeu-se que, muitas vezes, a religião poderia ser um obstáculo a ações de tolerância à população em estudo. No Brasil, atualmente, alguns segmentos religiosos rejeitam a homossexualidade e afirmam como norma a heterossexualidade (NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2009). O questionário perguntou se os estudantes haviam presenciado, no campus, alguma situação de discriminação ou constrangimento diante de um comportamento não adequado ao gênero, 82% disseram que não e 18% que sim. As atitudes foram classificadas por categorias (Tab.1)

Tabela 1. Exemplo de situação de discriminação ou constrangimento

Variáveis	Frequência	%
Brincadeiras e piadas	6	37,5
Uso de termos ofensivos	5	31,2
Hostilidade em esportes	2	12,5
Comentários sobre trajes	3	18,8
Totais	16*	100

Alguns estudos, exemplifica Ellis (2008), exploram o clima do campus e focam registros de homofobia a fim de perceber o clima homofóbico, com ênfase nos sujeitos que praticam esse tipo de violência e o contexto dentro do qual ocorrem. Para entender esse clima, buscou-se exemplos de discriminação ou constrangimento:

- Brincadeiras

- Zoação por gostar de algo que culturalmente não é tão aceito. Como por exemplo, achar bonito alguém do mesmo sexo.
- Sempre tem aquelas piadinhas que “aparentemente” são inofensivas

- Ofensa verbal

- Fala algo, e o restante chamar de viado, ou associa alguém com a situação que foi exposta, insinuando zoando que seja homossexual
- Quando um colega que tem um jeito mole de falar disse aos colegas não gostar de futebol, automaticamente responderam que não era de se esperar isso dele, e que dele esperava-se que brincasse de boneca.
- Um aluno na minha sala frequentemente era alvo de piadas sobre homossexuais por ser um menino tímido e “diferente” aos olhos dos demais.

- Ah, piadas comuns no dia a dia, tais como ala que viadinho ou bicha, essas coisas.
- Inferiorização. Falar que é coisa de viado, ou que não aguentaria fazer determinada ação por ser afeminado.
- Um aluno da minha sala tinha voz mais suave que os outros meninos, sentava-se com uma boa postura e acabou sendo alvo de gozação, recebeu apelido e quando os meninos o chamavam, afinavam a voz.

- Hostilidade na prática de esportes

- Em uma aula de prática de Educação Física ouvi comentários em tom de sarcasmo sobre um colega que usava uma calça “legging” e por ser feminina ouvi alguns comentários que apesar de não serem ditos diretamente contra a pessoa eram pejorativos contra ele.

- Comentários sobre trajés

- Zombaria por motivos de vestimentas
- Casos que interferem nas vestimentas e das modalidades que tem afinidade

Há um índice maior nas brincadeiras e piadas 37,5%, seguido de uso de termos ofensivos, que expõe por meio de situações aparentemente não hostis, mas que humilham. O resultado descrito, desto dos resultados da Pesquisa Nacional sobre o ambiente educacional no Brasil (2016) que aponta maiores níveis de agressão verbal dirigidos à orientação sexual ou identidade de gênero dos estudantes LGBT. Para Poynter e Washington (2005) a linguagem é um grande desafio na compreensão e no engajamento das múltiplas identidades: palavras ofensivas e zombarias são consideradas agressões verbais.

Silva (2018) entende que a violência está presente no pensamento social brasileiro uma vez que os longos séculos humilhações e constrangimentos durante o tempo do Brasil colônia acabaram por exaltar figuras históricas violentas, isso se reflete até os nossos dias, nas altas taxas de criminalidade inclusive contra a população *trans*, afirma o autor. Talvez essa realidade exista não só no Brasil, mas em outros países também; Woodford et al. (2012) encontraram, entre estudantes universitários, uma minoria sexual e os transgêneros que experimentam discriminação e opressão mesmo vivendo num tempo de compreensão e acolhimento mais expansivo. O resultado disso, afirmam os autores, incentiva as universidades a desenvolverem iniciativas institucionais para a melhoria do clima dentro do campus.

As universidades, que atraem para si a tarefa de criar conhecimento e de tornar-se o lugar da inovação, deveriam ser o primeiro patamar para ressignificar e construir valores como ética, respeito e atitudes que combaterão a discriminação contra homossexuais, negros, indígenas, meninas e meninos tímidos ou discretos, mulheres lésbicas, transexuais, bissexuais e outras formas de orientação sexual e latente, manifestada por meio de piadas, brincadeiras de mau gosto, olhares, gestos e atitudes preconceituosas. Diariamente acontecem situações desagradáveis em sala de aula contra alunos e alunas homossexuais, com anedotas machistas, palavras de baixo calão, estereótipos ofensivos, deboches e atitudes aparentemente “inofensivas”, mas que servem como estigma (ELIAS E SCOTSON, 2000).

Tabela 2. Opinião dos respondentes sobre homossexualidade

Variáveis	Participantes	%
É genética	22	36,1
É aprendida	1	1,6
É uma escolha	8	13,1
É genética e aprendida	26	42,6
Não sei	3	5
Outra resposta	1	1,6
Totais	61	100

Nota-se em relação à homossexualidade que 42,6% dos participantes entendem-na como sendo *genética e aprendida* e 36,1% sustentam apenas a *genética*; com relação a isto Oka e Laurenti (2018) destacam que os conceitos de sexo e de gênero surgem como termos que se referem a dois campos opostos em disputa: de um lado, as características estritamente bioquímicas e fisiológicas estudadas pelas biociências e, de outro, a dimensão subjetiva e cultural do que é ser mulher ou ser homem, campo de análise das ciências humanas:

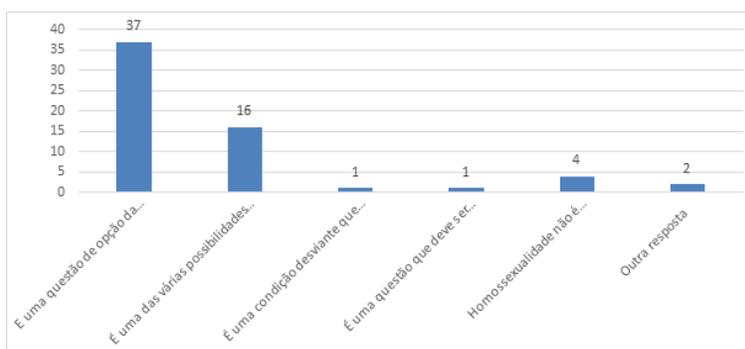
Quando se constata que padrões comportamentais considerados masculinos ou femininos não são universais, mas contingentes culturalmente, a estratégia política e epistemológica adotada caminha para a remoção da rigidez da natureza biológica e sua substituição pelo domínio cultural, flexível e simbólico. Ironicamente, essa própria noção enrijecida da biologia é o que dá base à construção cultural do “gênero”, tornando o “sexo” inquestionável. (OKA e LAURENTI, 2018, p.248)

No caso do estudante que respondeu *outra*, assim se expressou:

- É uma opção de vida uma pessoa baseada na forma em que ela se sente bem com suas próprias escolhas sem levar em conta o padrão imposto pela sociedade.

A questão 8 pergunta qual seria o posicionamento perante uma situação em que presenciasse a discussão de um grupo de colegas sobre um casal homossexual de uma novela na TV e obteve o seguinte resultado.

Figura 1. Posicionamento face à discussão sobre casal homossexual na mídia.



Percebemos que nesta questão o posicionamento dos entrevistados, em sua maioria, é uma questão de opção da pessoa, uma escolha como qualquer outra com 37 respostas, seguida da É uma das várias possibilidades de vivência da própria sexualidade, com 16.

Com relação à exposição da representação de travestis e transexuais na mídia Silva e Poloni (2018) argumentam que a essa população é a que mais sofre com as representações generalistas e caricatas na mídia, principalmente nas novelas, apontando, inclusive que muitos personagens são tratados com intuito de provocar o riso.

No caso dos estudantes que responderam outra, assim se pronunciaram

- Acho que as relações tanto hétero como homo não se resumem ao sexo, outros fatores como interesses em comum, maneiras de comportar diante da vida, com os outros, são também questões que devem ser consideradas.
- Não me importo com a opção sexual das pessoas, mas acho que não deveria ser retratado este assunto na TV

Como a vida oferece escolhas e possibilidades, observa-se que os participantes, em sua grande maioria acreditam ser uma opção. Assim, esse olhar demonstra que a homossexualidade está presente na história desses alunos sem uma visão muito conservadora. O que se imagina aqui neste breve estudo é que a medida que os alunos foram sendo convidados e convidando colegas, houve um certo direcionamento para que quem fosse mais flexível ao tema respondesse às questões, pelo menos é o que se supõe. Para Kane (2013) questões de gênero e homofobia é menor em adultos jovens.

Tabela 3. Existência de trabalho de conscientização da questão sobre população LGBTT na universidade

Variáveis	Participantes	%
Sim	3	4,9
Não	24	39,4
Talvez	26	42,6
Não sei	8	13,1
Totais	61	100

Nesta questão, observamos que as pessoas não sabem se há conscientização sobre a população LGBTT, por isso é necessário criar mecanismos para despertar alunos e professores sobre a importância deste assunto junto aos alunos nas universidades.

O gênero é resultado de diferentes aprendizagens que o indivíduo acumula, a partir de suas relações interpessoais, ao longo de suas experiências de vida dentro de um contexto histórico, político e social. É marca que o indivíduo carrega indelevelmente, de tal forma que se torna mais fácil modificar a configuração anatômica (sexo) de alguém do que sua configuração psicológica (gênero). (PRAUN, 2011, p. 64)

Programas educacionais que despertem a consciência para o respeito são importantes para a melhoria das relações nas universidades baseados no diálogo, que possam sugerir novas atitudes e o respeito a opiniões diversas para que haja uma mudança (WOODFORD et al., 2012). Políticas contra a discriminação dentro do campus protegem os grupos de estudantes que se reconhecem como minorias sexuais (KANE, 2014).

Quando convidados a acrescentar alguma coisa, alguns estudantes assim se pronunciaram:

- Todos devem ser respeitados independente da opção sexual (masculino, 2º anos, Ed. Física, nenhuma religião)
- Acho que quanto mais tratarmos destas questões dentro das salas de aula, mais fácil será lidar, principalmente para aqueles que são muito conservadores. (Feminino, 43 anos, Educação, nenhuma religião)
- Por mim cada indivíduo tem direito de escolha, seja ela qual, sexual, religiosa, não importa qual, mas o caráter deste indivíduo que importa. (Masculino, 25 anos, Ed. Física, Espírita).
- O respeito e educação deve ser incentivado não por grupos e sim entre a população geral. Enquanto grupos (héteros, homossexuais, negros, brancos, azuis...) existirem, não haverá conquistas significativas de avanço social. (Masculino, 26 anos, Ciências Contábeis, Cristão)

- Acredito que mesmo quem não concorda e deseja se expressar deve ter o direito de o fazer, se alguém for censurado a liberdade do todo será comprometida. (Masculino, 20 anos, Direito, Agnóstico)

Holland et al. (2013) apontaram achados interessantes, pois seus resultados sugeriram que estudantes com maior nível de tolerância com a comunidade LGBTTT são os que estão nos anos finais e matriculados nos cursos de artes e ciências.

A julgar por esses resultados, percebe-se que se assemelham aos de Ellis (2008), pois sugerem que a homofobia no campus é significativa, mas não um problema esmagador.

CONCLUSÕES

Os objetivos deste estudo eram descrever como os estudantes universitários percebem a diversidade de gênero no campus e o tratamento dispensado pelos colegas a essas pessoas. Entende-se que esses objetivos foram atingidos pois os participantes demonstraram haver tolerância e respeito com a população LGBTTT.

Os estudantes que participaram desta pesquisa se encontram em cidades com universidades públicas e particulares com grande número de alunos, o que pode ser uma mostra favorável, embora o número de participantes pode ser um elemento limitador de conclusões mais abrangentes. Outros resultados podem ser obtidos em cidades mais distantes dos grandes centros, ou em universidades de diferentes regiões do país.

Em virtude das opiniões dos alunos e seus posicionamentos, confirmou-se a hipótese de que no ambiente universitário existe um maior acolhimento da população LGBTTT, ou porque são pessoas com mais acesso à informação e ao conhecimento, ou ainda porque muitos cursos discutem abertamente a inserção social dessa população. Esses resultados também fazem com que se acredite que a presença do diálogo nas universidades é fundamental para uma política de maior acolhimento para essa população e a todos os diferentes de modo geral. A religião não interfere no respeito a outras identidades de gênero, nem as idades e os cursos que os estudantes frequentam.

Os resultados também demonstraram que alguns participantes apontaram a existência de comentários e julgamentos que podem conduzir à violência verbal e à humilhação. Entende-se que o problema da homofobia no campus é ainda pequeno, mas que algumas precauções podem ser tomadas como a sensibilização em salas de aula, nos currículos ou mesmo em programas inclusivos.

BONINI, L. M. M.; SILVA, R. A.; OLIVEIRA, M. F. L. Perceptions of university students on gender diversity and intolerance inside the campus. *Educação em Revista*, Marília, v. 20, p. 111-122, 2019, Edição Especial.

ABSTRACT: This paper presents the perceptions of university students regarding gender diversity and the different reactions of colleagues through situations of prejudice. The purpose of this paper is to describe how college students perceive gender diversity on campus and how peers treat them. This is a descriptive, qualitative, cross-sectional study. The material used was a questionnaire based in Madureira (2007) and was made available in Google forms for students between 18 and 40 years old. A total of 61 university students participated, of which 35 were identified as being female, 25 male and one female. The mean age was 22.28 ± 6.03 years and 73.9% lived in Alto Tietê; 18% in the city of São Paulo; 3.3% in the Vale do Paraíba and Interior of São Paulo, Litoral Sul and ABC with 1.6%. Most participants have shown respect for their classmates, some point out the existence of comments and judgments that can lead to verbal violence and humiliation. It is understood that the homophobia problem on campus is still small, but that some precautions can be taken like raising awareness in classrooms, curricula or even in more comprehensive programs.

KEYWORDS: Gender diversity. College students. LGBTT.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. *Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais*. Curitiba: ABGLT, 2016.
- BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 42, p. 249-274, de jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acessado em: 22.04.2019.
- CAMARGO, Shelley A.P.; SAMPAIO NETO, Luiz F. Sexualidade e gênero. *Revista Faculdade Ciências Médicas Sorocaba*. Sorocaba, v.19, n. 4, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/viewFile/35351/pdf>. Acessado em: 22.04.2019.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zara, 2000
- ELLIS, Sonja. Diversity and inclusivity at university: a survey of the experiences of lesbian, gay, bisexual and trans (LGBT) students in UK. *Higher Education*. v. 57, n. 6, jun./2009. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10734-008-9172-y>.
- HOLLAND, Laurel, MATTHEWS, Todd L., SCHOTT, Melinda R. “That’s So Gay!” Exploring College Students’ Attitudes Toward the LGBT Population, *Journal of Homosexuality*, 60:4, 575-595, 2013. DOI: 10.1080/00918369.2013.760321.
- KANE, Melinda D. finding” safe” campuses: predicting the [resence pf LGBTstudent groups at Noth Carolina colleges and universities. *Journal of Homosexuality*, 60:828-852. 2013. DOI: 10.1080/00918369.2013.774837.
- MADUREIRA, Ana Flávia A. *Gênero, Sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. 2007. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf. Acessado em: 22.04.2019.

MURAGURI, Michael. *Qualitative research methods for public policy*. LAP LAMBERT: Saarbruchen, Germany, 2016.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 121-161, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445>. Acessado em: 22.04.2019.

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 238-251, jan./2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902018000100238&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 26.04.2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170524>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Gênero*. Temas de salud. 2018. Disponível em: <https://www.who.int/topics/gender/es/>. Acessado em: 22.04.2019.

POYNTER, Kerry J., WASHINGTON, Jamie. Multiple identities: creating community on campus for LGBT students. *New directions for students' services*. n. 111, Wiley Periodicals, Inc. Outono de 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/ss.172>.

PRAUN, Andrea Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. *Revista Húmus*. São Luís/MA, v. 1, n. 1, jan./fev./mar./abr./2011. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>. Acessado em: 26.04.2019.

SILVA, Renan Antonio. Trans, ideologia da violência, criando personagens de direitos no Brasil. In: SILVA, Paulo Celso da; ROVIDA, Mara; LOPES, Felipe T. P. e GARCIA, Wilton (orgs.). *Gêneros, diversidades, tecnologias e smart city*. Sorocaba: EDUNISO, 2018.

SILVA, Deborah R. da e POLONI, Paula Keiko I. A democratização da mídia ao representar travestis e transexuais. In: SILVA, Paulo Celso da; ROVIDA, Mara; LOPES, Felipe T. P. e GARCIA, Wilton (orgs.). *Gêneros, diversidades, tecnologias e smart city*. Sorocaba: EDUNISO, 2018.

WOODFORD, Michael R., SILVERSCHANZ Perry, SWANK, Eric, SCHERRER, Kristin S. e RAIZ, Lisa Predictors of Heterosexual College Students' Attitudes Toward LGBT People, *Journal of LGBT Youth*, 9:4, 2-12. 297-320, DOI: 10.1080/19361653.2012.716697

Recebido em: 20/06/2019

Aprovado em: 27/08/2019

